
ESTRATÉGIAS USADAS POR PROFESSORES PARA AVALIAR CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

*MACÊDO, Moésia Alves; MACEDO, Moema Alves; FERREIRA, Ivancildo Costa

Faculdade Leão Sampaio – Juazeiro do Norte (CE), Brasil.

Recebido em: 08/12/2014; Aceito: 16/01/2015; Publicado: 26/02/2015

RESUMO

Introdução: Este estudo fundamentou-se no conceito de avaliação formativa, a qual evidencia o fator que impede o seguimento do processo de ensino-aprendizagem para que se possam criar estratégias para superá-la. Logo, indispensável a uma escola inclusiva. **Objetivo:** Teve como objetivo principal averiguar que estratégias avaliativas o professor utiliza para avaliar crianças com deficiência intelectual, em específico se usam uma avaliação formativa, e se usam recursos e materiais para promover a acessibilidade ao conhecimento. **Metodologia:** De cunho qualitativo-descritivo, com o uso de observações, contou com a participação de duas professoras da sala comum da rede pública municipal de ensino do Recife que possuía alunos com deficiência intelectual. **Resultados e discussão:** A partir da análise das observações, pode-se concluir que as docentes não usavam recursos acessíveis, suas estratégias foram pífias para alfabetizar crianças com deficiência intelectual. **Conclusões:** Os professores não incluíam os alunos no processo de alfabetização por não realizar avaliação formativa.

Palavras-chave: Avaliação. Inclusão. Deficiência intelectual.

ABSTRACT

Introduction: This study was based on the concept of formative assessment, which shows the factor that prevents the action of the teaching-learning process so that they can develop strategies to overcome it. Therefore, essential to an inclusive school. **Objectives:** Aimed to find out what the teacher uses assessment strategies to assess children with intellectual disabilities, in particular to use formative assessment, and use resources and materials to promote accessibility to knowledge. **Methodology:** Qualitative-descriptive nature, with the use of observations, with the participation of two common room of teachers from municipal public schools in Recife that had students with intellectual disabilities. **Result and discussions:** From the analysis of the observations, we can conclude that the teachers did not use available resources, their strategies were pathetic for literate children with intellectual disabilities. **Conclusions:** The teachers did not include students in the literacy process not to conduct formative assessment.

Key-words: assessment; inclusion; intellectual disabilities.

* Moésia Alves Macêdo - Graduada em licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: moesiamacedo@yahoo.com.br

Introdução

A escola contemporânea deve viabilizar a inclusão. Logo, necessita seguir práticas sociais específicas, principalmente no tocante a avaliação da aprendizagem, visto que no modelo tradicional é reflexo da filosofia que a norteia, a usam para selecionar e classificar os alunos, examinando o seu desempenho, focando apenas os aspectos cognitivos, materializados sob a forma de notas; a avaliação formativa busca qualificar o ensino e coletar continuamente informações para favorecer o processo de ensino-aprendizagem, por isto imprescindível a uma escola inclusiva (VARJAL, 2007).

Os alunos com deficiência intelectual, a criança com limitação no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, nas aptidões conceituais, sociais e cotidianas (MILANEZ, 2011), salientam a ineficácia da escola atual em conseguir ensinar os conteúdos curriculares, já que tem uma forma peculiar de aprender, numa perspectiva individual e pessoal, diferente de como a escola o anuncia. A avaliação da aprendizagem deste discente deve focar no conhecimento do seu entendimento dos conteúdos curriculares e nos seus progressos durante todo o ano letivo (BATISTA, 2007).

A adequação do método permite o ajuste social e facilita a superação das adversidades, condição esta necessária para que ocorra o aprendizado das pessoas com deficiência, visto que pesquisas realizadas por Vigotsky e Piaget provam que ocorre se houver o convívio social. Porém, são escassas as pesquisas que apontem como incluir no cotidiano de uma classe regular alunos que apresentem diferentes tipos de necessidades educacionais especiais (FERNANDES, 1993 apud GLAT; FERNANDES, 2005; GLAT; FERNANDES, 2005). Por isto, este trabalho faz-se importante, a avaliação compõe o processo de ensino e aprendizagem desde o início até o fim, proporcionando ao professor repensar o formato do ensino e da aprendizagem de crianças com deficiência intelectual para a superação de obstáculos. Essa pesquisa teve por objetivo averiguar quais estratégias avaliativas os professores da rede pública municipal de ensino do Recife utilizam; em específico se fazem uso de avaliação formativa com crianças com deficiência intelectual. Além disso, buscou-se investigar se os docentes utilizam, em sala de aula, recursos e materiais para promover a acessibilidade ao conhecimento.

Metodologia

Utilizou-se a abordagem qualitativo-descritiva. Esta pesquisa é de natureza aplicada, também se constitui Estudo de Campo (GIL, 2008). O campo desta pesquisa foi uma escola municipal da cidade do Recife localizada no bairro de Santo Amaro,

funciona nos três turnos. Possui apenas o Fundamental I, é dotada de pátio para recreação, quadra poliesportiva descoberta (durante a coleta de dados estava ocorrendo um campeonato de futebol), laboratório de informática, biblioteca, refeitório, 03 banheiros destinados aos professores e 06 aos alunos, sendo 03 masculinos e 03 femininos, todos necessitando de manutenção.

Os sujeitos desta pesquisa foram duas professoras diferentes que lecionam no 1º ano do 1º ciclo que têm alunos com deficiência intelectual matriculados em sua sala de aula comum do ensino regular. Estas regentes possuíam estagiárias para auxiliá-las nas atividades desenvolvidas com crianças com deficiência, por conseguinte, elas passaram a ser alvo desta observação, como as professoras lhes orientavam na sua prática, elas de fato foram determinantes a esta pesquisa. A professora A lecionava no turno da tarde possuía duas alunas com deficiência intelectual, uma delas apresentava comprometimento motor e de fala. Suas alunas foram identificadas por aluna A e C. A professora B lecionava no turno da manhã, tinha um aluno com deficiência intelectual (aluno B) e outro com autismo, não sendo ele foco desta pesquisa. As duas foram observadas durante aulas de Língua Portuguesa.

Os dados foram coletados por meio de observação estruturada e não participante: observação sistemática. A observação foi dividida em categorias: acessibilidade ao conhecimento; gestão da sala e avaliação. Os registros foram feitos no momento em que ocorriam os fatos, em um diário de campo, anotou-se livremente de acordo com as categorias elencadas. Ocorreram em número de duas para a professora A e em número de três para a professora B.

Deve-se salientar a dificuldade na coleta de dados a qual estava prevista para o mês de junho de 2013, período que ocorreram manifestações populares que paralisaram a cidade concomitante a greve dos rodoviários, posteriormente começou as férias escolares tendo que ser adiada para o mês de agosto de 2013. Neste ínterim também ocorreram contratemplos, as crianças com deficiência intelectual faltaram muito e neste entretempo a professora A devido a problemas de saúde obteve licença, sendo por isto interrompido a sua terceira observação.

Resultados e Discussão

Os recursos acessíveis são meios de permitir o aluno com deficiência fazer a mesma atividade do grupo classe (SARTORETTO; BERSCH, 2010). A professora A e B possuíam a prática de realizar atividades com os alunos com deficiência intelectual fora do contexto da sala. A exemplo, o aluno B confeccionou desenho com imagens da reportagem e a turma produzia texto, deveria ter sido oportunizado recursos para produzir

um texto. A aluna C possuía impulsos involuntários, estes aspectos não foram considerados, seria o caso conforme indica Sartonetto; Berschh (2010), de a professora A e a do AEE conversarem sobre a necessidade de usar recursos acessíveis e de avaliarem se não consegue escrever pela a sua falta ou por está no pré-silábico. Com a aluna A não realizou atividade. Deste modo, nem uma das duas professoras (A e B) utilizou-se de recursos acessíveis para acessibilizar o conhecimento aos alunos A, B e C.

Os alunos com deficiência intelectual devem ser avaliados por diversos instrumentos: escrita livre, bilhete etc., usava-se para os mesmo alunos os mesmos critérios. Para a aluna A e C observação do comportamento quanto a sua socialização e para reprimir comportamentos. Na aluna C observa-se também a forma de falar. No aluno B observava-se a capacidade de memorização e de interação com os colegas de classe...

Para que a avaliação seja formativa, conforme Varjal (2007) e Luckesi (2005), deve coletar informação a todo o momento para ver se o método está adequado ao grupo ou precisa de ajuste. Nem a professora A e nem a B acompanharam o desenvolvimento das atividades e mediou-as levando os alunos A, B e C para dentro do sistema escolar. As atividades proposta pelas duas professoras recorriam à memória de curto prazo ou de trabalho, deveriam memorizar a letras do alfabeto sem que para isto se recorresse a atividades contextualiza em algo concreto a criança para que assim fossem ajudadas a memorizá-lo. Fica claro que nas tarefas que as crianças deveriam executar não foram consideradas suas características, por isto não lhes era significativa. Logo, pode-se concluir que não se realizou avaliação formativa com os estudantes A, B e C.

Conclusões

Evidenciou-se que as docentes não variaram os instrumentos avaliativos. Os instrumentos que usaram não lhes permitiram perceber o quanto de conhecimento já havia sido consolidado; não consideraram as características das crianças com deficiência intelectual para executar as atividades e ajustar o método. Desta forma, pode-se concluir que a falta de recursos acessíveis, a inadequação das estratégias e a não utilização da avaliação formativa implica diretamente no insucesso dos professores na mediação da aquisição da língua escrita por crianças com deficiência intelectual.

Referências

BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental. In: BRASIL. SEESP/ SEED/ MEC. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento**

Educacional Especializado: Deficiência Mental. Brasília / DF, 2007

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação (SEB). Diretoria de apoio à Gestão Educacional. **Pacto pela alfabetização na idade certa: avaliação no ciclo de alfabetização: reflexões e sugestões.** Brasília: MEC/SEP/SEESP, 2012.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações Curriculares.** Brasília: MEC/SEP/SEESP, 1998.

_____. Projeto escola viva. **Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: Alunos com necessidades educacionais especiais.** Brasília: MEC/SEP/SEESP, 2000.

CASTRO, José Carlos V.; ALMEIDA, Maria Josilane M.; FERREIRA, Vanessa Queiroz. Os benefícios das intervenções pedagógicas para o desenvolvimento cognitivo do estudante com déficit intelectual. **Anais eletrônicos das Jornadas de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Brasil Amazônia - FIBRA.** Belém, n. 3, p. 21-33, 20 jul 2013.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de; GOMES, Adriana L. Limaverde. A emergência da leitura e da escrita em alunos com deficiência mental. In: BRASIL. SEESP/ SEED/ MEC. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Mental.** Brasília / DF, 2007

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<http://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2013

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. **Revista Inclusão.** MEC/ SEESP. Nº 1. 2005. Disponível no site <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revista_inclusao1.pdf> Acesso em: 15 jan. 2013

GOMES, Adriana L. Limaverde; FIGUEIREDO, Rita Vieira; POULIN, Jean-Robert. O Atendimento educacional especializado para o aluno com deficiência mental. **Inclusão: Revista educacional.** MEC/ SEESP. v.5, n.1 (jan/jul) . Brasília, Secretária de Educação Especial, 2010 a.

_____. **A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar:** O Atendimento educacional especializado para o aluno com deficiência mental. Brasília, Secretária de Educação Especial: UFCE, 2010b.

HAYDT, Regina C.C. **Avaliação do processo de ensino-aprendizagem.** São Paulo, Ática: 1997. p.-7-28 (Série Educação)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem.** Série Encontros. Entrevistador: Paulo de Camargo. Direção: Paulo Aspis; Regis Horta. São Paulo. Produção:Atta Mídia e Educação, 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NG4cd2CT0p8>> Acesso em 15 ago 2013

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999

SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. Recursos pedagógicos acessíveis. In: BRASIL: Ministério da educação, Secretária de educação especial. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa.** Fortaleza: Universidade federal do Ceará, 2010.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica.** v.9,n.52,jul/ago 2003. Disponível em <<http://www.presencaped>>

VARJAL, Elizabeth. **Avaliação das aprendizagens na Escola Inclusiva.** Moreno - PE, 2007. Palestra proferida durante a conferência municipal de Moreno.

ZABALA, Antoni. **A prática da Educativa: como ensinar.** Tradução: Ernani F. da Rosa. Consultoria, supervisão e revisão técnica : Nalú Farenza. Porto Alegre, Artmed: 1998. p. 27-52